

Apresentação

Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro; e às vezes só as roupas conservam a aparência masculina ou feminina, quando, interiormente, o sexo está em completa oposição com o que se encontra à vista. Cada um sabe por experiência as confusões e complicações que disso resultam [...] (WOOLF, 2008, p. 124-5).

Este dossiê, intitulado *Gênero, Sexualidade e Educação: novas cartografias, velhos problemas*, publica-se em um momento de expansão dos temas originados nos estudos de gênero e da sexualidade nas investigações educacionais. Com um número maior de seminários e encontros científicos, além de coletâneas organizadas e outros dossiês em periódicos importantes sobre o assunto, talvez já não seja mais necessário justificar a presença deste dossiê na *Educar em Revista*. Entretanto, em se tratando de uma área de pesquisa e produção de conhecimento relativamente nova, pois os estudos de gênero e da sexualidade despontaram no cenário acadêmico nos anos 70, cada nova iniciativa de agregar pesquisadoras/es contribui para a consolidação definitiva desse campo de estudos na produção de conhecimento da pesquisa educacional. No Brasil, embora haja produção acadêmica importante ainda nos anos de 1970, a aparição de obras de referência é mais tardia, como o livro de Guacira Lopes LOURO – *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*, de 1997. Assim, diferentemente de outros países como os Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, que desde o final da década de 70 já organizavam departamentos e programas de pós-graduação intitulados *Women, Feminism, Gender, Gay and Lesbian Studies*, no Brasil, ainda hoje há pouquíssimas experiências dessa natureza. Por quê? Certamente não é por falta de iniciativa das/os pesquisadoras/es da área, que vêm se organizando no interior das insuficientes geografias epistemológicas das universidades brasileiras. São poucas as universidades que possuem linhas de pesquisas em programas de pós-graduação ou disciplinas específicas de graduação e pós-graduação sobre esse tema. Na maior parte das universidades brasileiras, as abordagens sobre gênero e sexualidade ainda permanecem nas mãos de pesquisadoras/es individuais ou de pequenos grupos de pesquisa que introduzem os temas em suas disciplinas regulares ou, na melhor das hipóteses, na oferta de disciplinas optativas e seminários especiais em programas de pós-graduação.

Entretanto, a grande demanda brasileira, oriunda das secretarias muni-

cipais e estaduais de educação, por cursos de extensão e formação continuada em gênero e sexualidade para a educação básica, revela a enorme lacuna dos currículos de formação de professoras/es. As secretarias de educação básica há muito já reconheceram a necessidade de formação de docentes no campo dos estudos de gênero e da sexualidade. Todavia, grande parte das universidades ainda faz “ouvidos moucos” a tal exigência, ao insistir na permanência de suas antigas e tradicionais grades curriculares, mesmo quando “novos currículos” são desenhados. Desse modo, a publicação de mais uma coletânea sobre gênero e sexualidade, em um periódico de grande envergadura, como a *Educar em Revista*, é muito importante, tanto do ponto de vista da apresentação dos temas para aquelas/es que ainda não os conhecem, como também para leitoras/es já familiarizadas/os com esses debates no cenário educacional brasileiro e internacional.

Nos países anglo-saxões, pesquisadoras/es ao longo dos anos de 1980 e 1990 realizaram a importante tarefa de delimitar as bases epistemológicas do campo das pesquisas de gênero e sexualidade. Os esforços acadêmicos delimitaram os espaços entre as ações de intervenção social, importantíssimas na constituição dos problemas do campo, e as interrogações oriundas das teorizações dos estudos feministas, estudos de gênero, *gays* e lésbicos, os estudos das masculinidades e, mais recentemente, os estudos *queer*. Dentre estas/es autoras/es destacam-se Joan Scott, Sandra Harding, Teresa De Lauretis, Joan Sedwick, Jeffrey Weeks, Valery Walkerdine, Judith Butler e Deborah Britzman, esta última, presente neste dossiê. Estas/es autoras/es se implicaram nas teorizações filosófico-político contemporâneas, abordando questões relativas ao pós-colonialismo, identidade, relações de poder e produção de novas subjetividades e práticas sociais e sexuais.

A ideia deste dossiê nasceu de nossa atuação nos programas de Pós-Graduação e da demanda que nos chega proveniente das comunidades educacionais externas à universidade. Além disso, também tínhamos o objetivo de reunir um conjunto de pesquisadoras/es que atuam nesse campo, no Brasil e outros países como Chile, Cuba e Canadá. Assim, a diversidade de instituições nacionais e internacionais das/os autoras/es que compuseram esse dossiê demonstra uma nova configuração geopolítica do debate e o estabelecimento de nova cartografia conceitual para o campo de estudos do gênero e da sexualidade.

Este dossiê se compõe de oito artigos que, de múltiplas formas, abordam as questões fundamentais que configuram o debate atual sobre gênero e sexualidade, ora de forma mais explicitamente relacionada à educação e ao ensino, ora tomando a educação como lugar ampliado e não apenas circunscrito à escola. Assim, gênero e sexualidade se entrelaçam, estabelecendo um conjunto de ele-

mentos que, sobretudo, nos faz pensar sobre aquilo que nos define, nos separa, nos inclui ou exclui, instaurando modos de vida e identidades. O gênero como categoria analítica (SCOTT, 1995) e a sexualidade como forma de exercício das relações de poder (FOUCAULT, 1984) são os elementos centrais a partir dos quais os temas são abordados, definindo-se assim um campo analítico próximo àquilo que se chamou de teorias pós-críticas ou pós-identitárias. As distintas formas de sermos homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, e o estabelecimento das fronteiras entre o certo e o errado, o normal e o anormal, são analisados do ponto de vista de sua (des)constituição histórica, demonstrando os mecanismos de controle engendrados nessas construções. Os desejos, Eros e os aprendizados do corpo são compreendidos como configurações subjetivas que extrapolam as políticas de normatização dos corpos e dos sexos. A diversidade sexual em sua abordagem pelas teorias *queer* aparece em vários dos textos como uma forma libertária de vida, ou mesmo como possibilidade de pensar para além dos limites estabelecidos pelo nosso “macabúzio” pensamento moderno.

Iniciamos o dossiê com o texto de Tânia Navarro Swain (UNB), que pergunta sobre a normalidade das práticas e dos sujeitos, questionando um mundo que só sabe pensar por meio dos binômios – homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, perdendo a possibilidade do pensar múltiplo. Seu olhar voltado para o novo, o criativo, o contraditório, o paradoxal, ofereceu-nos o conceito de *heterogênero*. A seguir, Maria Rita de Assis César (UFPR) nos remete para uma reflexão sobre a escola e as práticas escolares acerca da sexualidade e o gênero, na tentativa de reconstruir os caminhos “epistemológicos” percorridos pelas falas “verdadeiras” sobre sexualidade e gênero no universo da educação brasileira. Ao abordar a contemporaneidade, a diversidade sexual se destaca como tema fundamental que necessita de novos olhares e de uma perspectiva de análise que questione os limites binários de nossa capacidade de compreender o mundo.

O texto de Deborah Britzman (University of York – Canadá), escrito especialmente para compor essa coletânea, traz Eros como o grande organizador do desejo, da sexualidade e da própria educação. Partindo de pressupostos psicanalíticos e da teoria *queer*, a autora dá boas vindas à homossexualidade e a heterossexualidade como expressões humanas do amor. A educação sexual no texto de Helena Altman (UNICAMP) e Carlos Martins (UNESP) é proposta a partir de uma reflexão sobre a ética. Para os autores, a ética deverá ser tomada como prática refletida de liberdade, contrariamente à moral prescritiva, sempre presente nos trabalhos analisados pelos autores quando a gravidez e a paternidade na adolescência foram abordadas. Suyan Maria Ferreira Pires (UFRGS) contribuiu com um texto em que analisa o amor romântico na lite-

ratura infantil. A pesquisa realizada em livros infantis demonstra a persistência da valorização do chamado “amor romântico” a partir do qual as desigualdades de gênero são naturalizadas e os papéis tradicionais são reiterados, como a responsabilidade feminina da criação dos filhos e a perspectiva dolorosa do verdadeiro amor.

Graciela Ezzatti (UMCE - Chile) trouxe o resultado de uma pesquisa realizada nas escolas secundárias de Santiago/Chile, na qual as representações sociais de masculinidade e feminilidade se enunciam por meio do discurso de jovens de diferentes extratos sociais. As águas e o aprendizado do corpo são os temas desenvolvidos por Cláudia Maria Ribeiro (UFLA). Em uma análise histórica, a autora traz aspectos da história do banho e dos encontros do corpo com a água como situação de aprendizado erótico do corpo e da sexualidade. Por último, Júlío Gonzáles Pagés e Daniel Alejandro Fernández Gonzáles, professores da Universidad de Habana – Cuba, apresentam um tema que vem recebendo destaque importante nas investigações do campo dos estudos de gênero e da sexualidade: as masculinidades. Neste texto, esporte, violência e masculinidades são abordados a partir da perspectiva de gênero, analisando a aprendizagem da violência nas práticas sociais, como o esporte. A educação em seu sentido ampliado é assinalada com lugar fundamental de novos aprendizados sobre o masculino, em nome de uma sociedade mais justa e menos violenta.

Maria Rita de Assis César e Helena Altmann

REFERÊNCIAS

WOOLF, Virginia. *Orlando*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.